

ELSINORE

**HWANG
SOK-YONG**



**PRINCESA
BARI**

«Muitas estrelas enchem o céu azul,
e muitas preocupações enchem as nossas vidas.»

Jindo Arirang [Hino popular coreano,
variante da região Jindo, da Coreia do Sul]

UM

Mal tinha doze anos quando a minha família se dispersou.

Cresci em Chongjin. Vivíamos numa casa no topo de uma colina íngreme com vista para o mar. Na primavera, pequenos ramalhetes de flores de azálea brotavam por entre as ervas daninhas secas, disputando espaço nos lotes baldios, e brilhavam com um vermelho mais profundo ao fulgor do sol da manhã e do fim da tarde, enquanto o monte Gwanmo, ainda coberto de neve no topo e envolto em nuvens da cintura para baixo, fluía contra o vasto céu oriental. Do topo da colina, eu observava os pesados navios de aço ancorados na água e os minúsculos barcos de pesca que se moviam lentamente ao redor deles, com o matraquear dos seus motores a chegar lá de longe aos meus ouvidos. As gaivotas quebravam o reflexo da luz solar na superfície da água, que brilhava como escamas de peixe, antes de girarem em direção ao próprio Sol. Costumava esperar ali que o meu pai voltasse do trabalho, na capitania do porto, ou que a minha mãe regressasse do mercado. Saía da estrada, subia uma encosta íngreme e agachava-me à beira da falésia, porque aquele era um bom lugar para os ver chegar, mas também porque gostava de ficar a olhar para o mar.

Tínhamos a casa cheia: a minha avó, os meus pais e as minhas seis irmãs mais velhas. Nascêramos quase todas com um ou dois anos de diferença, o que significa que a nossa mãe esteve grávida ou a amamentar durante praticamente quinze anos seguidos. Assim que uma rapariga nascia, já ela andava a cambalear

com a seguinte na barriga. As minhas duas irmãs mais velhas nunca esqueceram o medo que enchia a casa sempre que a nossa mãe entrava em trabalho de parto.

Felizmente, a minha avó esteve sempre ao lado dela, servindo de parteira. Contaram-me que o nosso pai costumava andar de um lado para o outro, a fumar sem parar, à porta ou no pátio, mas, depois do nascimento da terceira rapariga, quando a nossa mãe dava sinais de entrar em trabalho de parto, ele passava a ficar até mais tarde no trabalho e até se voluntariava para o turno da noite. A raiva que ele andara a reprimir acabou por explodir quando a Sook, a quinta rapariga, nasceu. Nessa manhã, a minha mãe e a minha avó estavam na divisão principal, ao lado da cozinha, a dar banho à recém-nascida Sook, numa banheira de água morna, quando o meu pai voltou a casa do turno da noite. Ele abriu a porta, olhou lá para dentro e disse: «O que é que vamos fazer com mais uma destas?» Arrancou a pequena Sook dos braços delas e enfiou-lhe a cabeça debaixo de água. Chocada, a nossa avó apressou-se a tirar a bebé da banheira. A Sook não chorou, mas engasgou-se e tossiu como se tivesse engolido demasiada água e não conseguisse respirar. Quando a sexta rapariga, a Hyun, nasceu, a Jin, a mais velha, acabou com uma tigela de latão cheia de *kimchi* na cabeça, quando estava a voltar da retrete, no exato momento em que o nosso pai descarregava a sua raiva, atirando a bandeja do pequeno-almoço para o pátio.

Então, o que acham que aconteceu quando eu nasci? A Jin contou-me:

— Apinhámo-nos todas a um canto do quarto das crianças, a tremer de medo.

Depois de ouvirem o primeiro choro de recém-nascido, a Sun, a minha segunda irmã mais velha, saiu de mansinho para investigar, e voltou a fazer beicinho e a chorar.

— Estamos perdidas! É outra rapariga.

A Jin avisou todas:

— Nem um pio, e nem pensem em pôr os pés fora deste quarto até o pai chegar a casa.

A minha avó, que me tomou nos braços quando eu nasci, enrolou-me num cobertor, com a pele ainda coberta de sangue e de fluidos, e depois sentou-se, com o olhar vago, no chão de terra da cozinha, demasiado perdida para sequer pensar em pôr uma panela de sopa de algas a ferver para a nossa mãe. A minha mãe chorou baixinho, para si mesma; mas, logo a seguir, pegou-me ao colo e levou-me para fora de casa até um matagal longe do nosso bairro, onde ninguém ia. Ali, atirou-me para o meio de uns arbustos secos entre os pinheiros e cobriu-me o rosto com o cobertor. Provavelmente, a intenção dela era sufocar-me até morrer ou que eu gelasse pelo vento frio da manhã.

Quando o meu pai chegou a casa, abriu a porta, sem dizer uma palavra. É claro que percebeu, pelo ambiente na casa — a minha mãe tinha o cobertor puxado sobre o rosto e não respondia, e a minha avó apenas tossia secamente de vez em quando na cozinha — que se tinham acabado as esperanças de vir a ter um filho; deu meia-volta e saiu. A minha mãe e a minha avó ficaram cada uma no seu torpor, uma lá dentro e outra na cozinha, até o sol estar bem alto no céu. Finalmente, a minha avó voltou a entrar.

— O que aconteceu ao bebé?

— Não sei. Deve ter rastejado sozinho para longe.

— Ora! Deitaste-o fora! Vais ser atingida por um raio por causa disto, sua estúpida!

A minha avó procurou-me por toda a casa, por dentro e por fora, mas eu não estava em lado nenhum. Com medo de como o Céu as poderia amaldiçoar, e cheia de pena da sua nora e das pobres netinhas, encheu uma tigela de porcelana com água fria, colocou-a numa pequena bandeja com pés e sentou-se nas traseiras, esfregando as palmas das mãos em oração.

— Deuses da Terra, deuses do Céu, peço-vos, afastem a má sorte desta casa, tragam aquele bebé inteiro de volta, mudem

o coração da pobre mãe, acalmem a raiva do pai e mantenham-nos a todos a salvo.

A minha avó terminou a oração e voltou a procurar na casa, por todo o pátio e pelo bairro circundante, antes de finalmente desistir e regressar a casa. Sentou-se desesperada no *twenmaru*, o estreito alpendre de madeira que rodeava a casa, quando a nossa cadela, *Hindungi*, de repente pôs a cabeça de fora da casota e ficou a olhar fixamente para ela. Quando a minha avó se virou para olhar para o animal, os seus olhos vislumbraram uma pontinha do cobertor em que eu tinha sido envolvida. Com uma esperança remota, correu para a casota e espreitou lá para dentro: a *Hindungi* estava deitada, e ali estava eu, embrulhada e aninhada entre as suas patas. A minha avó disse que eu estava de olhos fechados e a fungar, enquanto dormia. A *Hindungi* deve ter seguido a nossa mãe quando ela saiu de casa para se ver livre de mim, esgueirando-se atrás dela a uma distância segura, e depois sentiu o meu cheiro, procurou pelo matagal, pegou-me com as mandíbulas e trouxe-me para casa.

— Aigo¹, a nossa *Hindungi* é uma cadela maravilhosa! Esta criança foi-nos enviada do Céu, disso tenho a certeza!

Talvez por isso eu me sentisse mais próxima da minha avó e da nossa cadela quando era pequena. A *Hindungi*² recebeu esse nome por causa do pelo branco pelo qual a sua raça, *Pungsan*, era conhecida, mas eu própria não tive nome até ao meu centésimo dia, quando se diz que os bebés passam a fazer plenamente parte dos vivos e eu já tinha a sobrevivência na infância garantida. Ninguém se tinha lembrado de me dar um nome. Mais tarde, depois de a nossa família se ter dispersado em todas as direções e de eu e a minha avó estarmos a viver naquela cabana escavada na terra, do outro lado do rio Tumen, ela contou-me uma

¹ Interjeição coreana para lamento, susto ou surpresa, dependendo do contexto e do tom de voz usado. [Todas as notas são do tradutor.]

² Em coreano, *Hindungi* significa «branquinho».

história, que ouvira há muito, muito tempo, da boca da sua bisavó. Era a história da Princesa Bari, cujo nome significava «abandonada». Ela terminava sempre a história a cantar-me os últimos versos:

— Deitem-na fora, a pequena enjeitada. Rejeitem-na, a pequena rejeitada. E foi assim que ficaste com o nome Bari.

Fosse como fosse, durante muito tempo não tive nome. A minha avó abordou o assunto um dia, enquanto comíamos. Estávamos sentadas à mesa redonda com a minha mãe, depois de o meu pai e a minha avó terem sido servidos, na mesa quadrada.

— Quero dizer, francamente! — A minha avó confrontou o meu pai sem que viesse a propósito. — Porque é que este bebé ainda não tem nome?

O meu pai passou lentamente os olhos pelas crianças aglomeradas em redor da mesa, como se nos estivesse a contar uma a uma.

— Bem — disse ele —, eu sei que há nomes de rapariga suficientes para gémeas, e até para sêxtuplas... mas o que é que eu posso fazer a partir daí? Só conheço um determinado número de caracteres.

— Queres tu dizer que andaste na universidade e sabes falar chinês e russo, mas não consegues arranjar um nome para a tua filha?

Isto foi no tempo em que a República ainda era generosa, e em que, sempre que nasciam gémeos, fosse numa grande cidade ou numa aldeia rural remota, surgiam jornalistas das estações de televisão e dos jornais, e os bebés apareciam no telejornal da noite. Graças ao eficaz sistema de segurança social do país, os bebés eram cuidados em creches estatais e as mães recebiam rações fartas de fórmula, e o próprio Grande Líder agradecia aos pais e cobria-os de presentes, desde roupas de bebé a brinquedos. As quádruplas recebiam nomes inspirados nas quatro plantas nobres da arte clássica chinesa — Orquídea, Bambu, Crisântemo e Flor de Ameixoeira — e provavelmente haveria outros nomes

que se harmonizavam para quíntuplas e sêxtuplas. Era a isso que o nosso pai se referia quando dizia que só se tinha preparado para seis raparigas. Os nomes das minhas irmãs — Jin, Sun, Mi (Verdade, Bondade e Beleza) e Jung, Sook, Hyun (Graça, Virtude e Sabedoria) — vinham em conjuntos de três e não mais. O nosso pai provavelmente achava que o facto de eu ter nascido rapariga tinha transformado aqueles nomes completos e perfeitamente combinados numa miscelânea de letras sem significado. Ele não disse mais nada sobre o assunto. Mas, tendo o tema vindo a lume, a minha avó e a minha mãe continuaram a conversar depois de ele sair para o trabalho.

— Norinha, talvez esteja na hora de lhe darmos um nome — disse a minha avó.

— Chame-lhe «Desilusão» ou «Desgosto», porque é assim que me sinto. Desiludida e desgostosa.

— Já antes ouvi falar de nomes assim, mas vejamos. Tu tentaste abandoná-la no matagal...

E foi assim que a minha avó inventou o meu nome.

É claro que só muito mais tarde, depois de ter ido até aos confins da Terra e de ter sofrido todo o tipo de provações, é que percebi exatamente a razão pela qual ela me chamou «Bari».

O nosso pai foi criado pela mãe, que tinha enviuvado. O meu avô morreu numa guerra que começou muito antes de eu nascer. A minha avó afirma que ele era um herói de guerra e que a sua história tinha chegado a ser transmitida numa das emissoras centrais de rádio. Numa cidade costeira longínqua, lá no Sul, o meu avô tinha combatido um bando de «narizes compridos»³; e sozinho, enquanto eles avançavam nos seus tanques. A minha avó costumava recontar a história depois do jantar, quando as bandejas já tinham sido arrumadas, ou nas noites de verão, quando estendíamos esteiras de palha no pátio da frente

³ Expressão coloquial asiática usada para referir os não asiáticos.

e olhávamos para as estrelas. Mas, uma noite, o meu pai fartou-se tanto de a ouvir que se meteu na conversa, e o conto heroico do meu avô perdeu o brilho.

— Já chega! Deixe-se lá de histórias. Isso foi tirado de um filme soviético.

— Que filme?

— Aquele filme que vimos na cidade. Não se lembra? O comité de bairro foi vê-lo em grupo. Estás a misturar isso com a história do pai.

O enredo do filme era o seguinte: um jovem soldado, ainda a cheirar a leite materno, adormece enquanto está de guarda debaixo de um edifício desmoronado numa cidade bombardeada. Ao anoitecer, a sua unidade retira-se, deixando-o para trás ainda profundamente adormecido. Entretanto, as tropas inimigas avançam, assumindo que a cidade em ruínas foi evacuada. O soldado acorda sobressaltado com o barulho. Vê tanques, os faróis dos veículos militares e as silhuetas dos soldados inimigos a descer a avenida principal. Apavorado, aponta a sua metralhadora, hesita, em absoluta perplexidade, e prime o gatilho. Os tanques param e, por um momento, tudo fica em silêncio. Os soldados detêm-se em uníssono, depois dão meia-volta e retiram-se: acreditam que o inimigo está à espera para lhes armar uma emboscada na escuridão. Só então o soldado rasteja para fora dos escombros e desata a correr. Corre a noite toda e consegue alcançar a sua unidade perto do amanhecer. É chamado perante o comandante do pelotão, depois o comandante da companhia e, finalmente, o general, que o elogiam, cada um por sua vez, e, mais tarde, o condecoram com uma medalha. É nomeado herói por travar sozinho uma divisão inimiga e é recompensado com uma licença especial.

Seja como for, pelo que o meu pai nos contou, era provavelmente verdade que o meu avô tinha sido morto em combate na frente oriental. Ele disse que a minha avó tinha sido chamada

perante o Comitê Popular e tinha recebido a notificação oficial da sua morte, juntamente com algumas rações extra, em reconhecimento pelos seus serviços; e, quando o meu pai foi à escola, o diretor de turma fê-lo subir ao estrado e pediu aos alunos que guardassem um minuto de silêncio. Mas a minha avó já sabia exatamente quando o meu avô tinha morrido e fixara a data para o aniversário da sua morte, para que a família soubesse quando realizar os rituais fúnebres todos os anos. Como sempre, ela tinha visto nos seus sonhos o que viria a acontecer.

Uma madrugada, a minha avó ouviu a tosse familiar do meu avô lá fora e abriu a porta. Um raio de luar iluminava o pátio e, sob ele, estava o meu avô, com um uniforme militar rasgado. Ela perguntou-lhe onde estivera, e ele disse que tinha caminhado pela costa leste, passando pelas cidades de Mukho, de Gangneung, de Sokcho e por vinte montanhas, talvez mais, para chegar até ela. Trazia uma espécie de embrulho debaixo do braço, e ela disse-lhe para o pousar no *twenmaru* e entrar, que ela lhe prepararia o pequeno-almoço pela manhã; mas ele disse que ainda tinha um longo caminho a percorrer, manteve os sapatos calçados e continuou de pé. A minha avó pegou rapidamente no embrulho e foi guardá-lo, e, quando se voltou, ele tinha desaparecido. O pátio estava vazio. Ela acordou sobressaltada e estendeu a mão. Havia qualquer coisa no chão, ao lado da cama. Quando acendeu o candeeiro para ver o que era, as portas do roupeiro estavam escancaradas e algumas roupas tinham caído para o chão: as calças e o casaco acolchoados do meu avô e o colete forrado a pele de coelho que ele tinha despido e guardado no armário antes de partir para a tropa. Nessa noite, ela juntou à pressa uma garrafa de bebida alcoólica, *bugeo*⁴ e algumas frutas, para compor a mesa de homenagem fúnebre e fazer-lhe uma despedida simples, e queimou as roupas dele, para o deixar fazer o seu caminho.

⁴ *Bugeo*: peixe polaco seco. Nos rituais coreanos, este peixe seco é um dos elementos mais sagrados e carregados de simbolismo espiritual.

Numa cidade norte-coreana nos anos oitenta, a sétima filha recém-nascida de um casal é abandonada pelos pais. Resgatada de forma milagrosa pelo cão da família, a criança recebe o nome de Bari, em homenagem à princesa de uma antiga lenda que sofreu o mesmo destino. Uma década mais tarde, durante a grande fome que assola o país, a família desmembra-se e Bari vê-se obrigada a fugir, encontrando primeiro refúgio na China, para logo depois, juntamente com outros imigrantes clandestinos, embarcar no porão de um navio de carga numa perigosa viagem pelo oceano com destino a Londres. É nesta cidade europeia que Bari põe em prática os extraordinários poderes premonitórios por si herdados e que a aproximam da princesa lendária.

Romance de formação cativante, obra que entrelaça de modo magistral o mágico, o onírico e a realidade dos nossos dias, *Princesa Bari* é um dos livros mais aclamados de Hwang Sok-yong, por muitos considerado o mais importante autor coreano da atualidade, até hoje inédito no nosso país.

«Sem dúvida, a voz mais poderosa da literatura asiática da atualidade.»

KENZABURO OE, PRÉMIO NOBEL DE LITERATURA

«Através de espíritos, de maldições e dos cânticos dos fantasmas dos mortos, o romance de Hwang Sok-yong dá voz aos esquecidos.»

LIBÉRATION



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

  penguinlivros

ISBN: 978-989-589-569-4



9

789895 895694